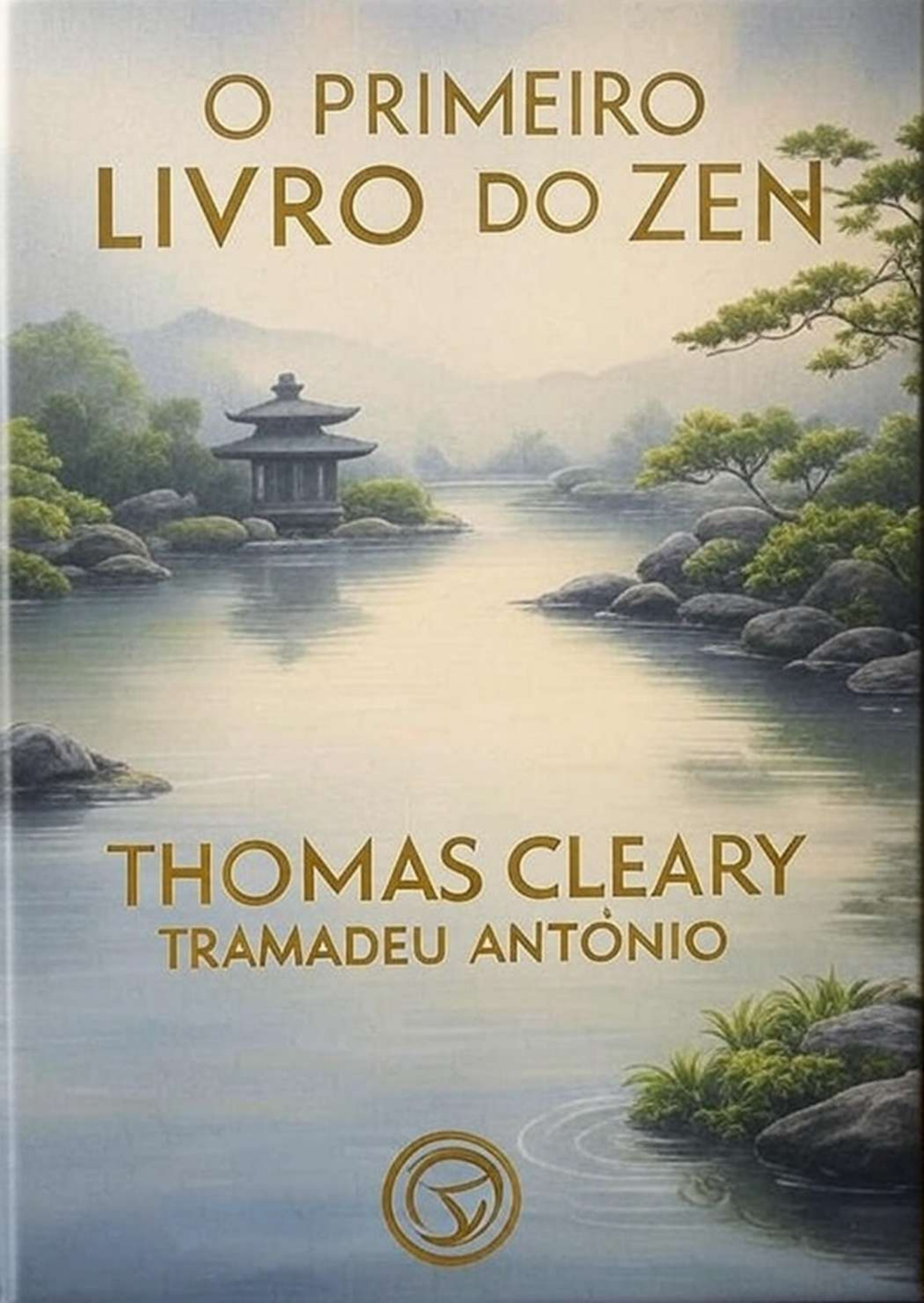
O PRIMEIRO LIVRO DO ZEN



THOMAS CLEARY

TRAMADEU ANTÔNIO

Comentários de um mestre sobre o clássico
Poema sobre a Fé na Mente
Traduzido do chinês por Thomas Cleary

Introdução

O primeiro livro de Zen, chamado Fé na Mente, é atribuído ao terceiro grande mestre do Budismo Chan, o ancestral do Zen. O título alude ao "assunto da mente", o tema central do Lankavatara-sutra, a escritura budista designada pelo fundador do Chan, de acordo com fontes antigas, para estudo na sua escola.

O "assunto da mente" refere-se à observação de que a nossa perceção comum da realidade é relativa às funções das nossas faculdades, que são condicionadas por histórias biológicas e sociais, e sujeitas à influência da sugestão e de hábitos adquiridos envolvendo suposições aceites, preconceitos, mitos ou ilusões. É possível, no entanto, de acordo com este ensinamento, desligar a consciência de hábitos compulsivos de pensamento de modo a permitir uma testemunha mais direta da realidade. O Mahaparinirvana-sutra diz: "Sê mestre da mente, não sejas dominado pela mente." O Lankavatara-sutra diz: "Deve-se entrar em contacto com a singularidade da realização última de primeira mão e ser capaz de ver independentemente do que é visto através da descrição subjetiva."

Para fins práticos, o ensinamento do "assunto da mente" distingue quatro partes da mente a fim de estabelecer os exercícios destinados a provocar a experiência individual de realização de primeira mão: estas são chamadas o percebedor, a descrição, o testemunho de si mesmo e o testemunho do testemunho de si mesmo.

O percebedor refere-se ao estado da mente e das faculdades mentais em qualquer momento dado; a descrição refere-se à experiência e interpretação do que está a ser percebido nesse estado particular da mente.

O testemunho de si mesmo é a capacidade de observar a relação entre o percebido e a descrição, como as influências flutuantes da emoção, do raciocínio e das condições físicas na interpretação da experiência.

O testemunho do testemunho de si mesmo é a capacidade de monitorizar o testemunho de si mesmo quanto à qualidade e consistência da atenção e observação.

O objeto imediato da prática Chan, nestes termos, pode ser descrito como desenvolver e aplicar as capacidades do testemunho de si mesmo e do testemunho do testemunho de si mesmo a fim de clarificar a consciência.

As histórias tradicionais da "transmissão da lâmpada" da iluminação nas primeiras três gerações da escola Chan são concebidas para ilustrar estas premissas e práticas básicas.

Na primeira história, quando o futuro segundo mestre pediu ao fundador para "pacificar a sua mente", o fundador disse: "Traz-me a tua mente, e eu pacificá-la-ei para ti." O segundo mestre respondeu: "Quando procuro a minha mente, não a consigo encontrar." O fundador disse então: "Eu pacifiquei a tua mente para ti."

Esta história ilustra o exercício conhecido como "virar a luz ao contrário e inverter a atenção", focando a atenção na consciência em si para se desligar da imersão em impressões de objetos e pensamentos.

Na segunda história, o futuro terceiro mestre veio ter com o segundo mestre como um leigo anónimo de meia-idade, dizendo que estava afligido com paralisia e suplicando ao mestre que o absolvesse da culpa. A ideia de que a doença é causada pela culpa tinha sido promulgada durante séculos na China pelos Mestres Celestiais Taoistas, que ofereciam ritos de absolvição para cura. O Mahaparinirvana-sutra budista, traduzido para chinês cem anos antes da fundação do Chan, também apresenta uma história de doença causada pela culpa, num rei que matou o próprio pai. Vários filósofos são chamados para racionalizar a ação do rei e curá-lo da culpa, mas isso não funciona. Finalmente, ele é curado por meio do remorso e da consciência.

O Budismo Chan desenvolve a consciência desenvolvendo a consciência. Isso envolve uma abordagem de duas vertentes: desenvolver a compreensão de causa e efeito, e cultivar a capacidade de se afastar dos impulsos. Esta última manobra é estabelecida distinguindo a natureza ou essência da consciência da função da consciência, e cultivando a capacidade de se focar na essência. Esta é a prática ilustrada na história do leigo paralisado que pediu absolvição; o mestre Chan respondeu: "Traz-me a culpa, e eu absolver-te-ei." O leigo disse: "Quando procuro a culpa, não a consigo encontrar." O mestre Chan disse: "Eu absolvi-te."

Este exercício segue o primeiro, usando a consciência da essência da consciência para privar os impulsos de influência. Não encontrar culpa ao procurá-la significa não se imergir no conteúdo mental quando focado na natureza da consciência em si, de modo a não cair sob o feitiço de impressões, pensamentos e sentimentos.

Na terceira história, o futuro quarto mestre veio ter com o terceiro mestre como um adolescente e pediu para ser libertado. O terceiro mestre disse: "Quem te prende?" Após um longo silêncio, o adolescente disse: "Ninguém me prende." O terceiro mestre disse: "Então, porque procuras a libertação?"

O Lankavatara-sutra compara o hábito de imersão na imaginação subjetiva à atividade de um bicho-da-seda que se envolve num casulo da sua própria criação; a tradição Chan refere-se a isso como "atar-te sem corda". O propósito do exercício ilustrado nesta história é vigiar a mente quanto a esta tendência, a fim de desenvolver a capacidade de se abster da elaboração da imaginação subjetiva. Tal como nas duas primeiras histórias, o esforço de participação na busca mental, aqui aludido pela referência à pausa de silêncio do adolescente, é crítico para o significado aplicado.

Para ilustrar o objetivo do despertar proposto por este processo, o ensinamento budista da mente fala de quatro tipos de conhecimento: estes são chamados conhecimento espelho, conhecimento de igualdade, conhecimento diferenciador e conhecimento prático.

O conhecimento espelho é descrito como consciência não conceptual como um espelho que reflete o que quer que venha perante ele. Isto é tão fundamental que não há Chan sem este modo de experiência, mas também é extremamente vulnerável à absorção aleatória e, portanto, não é estável, pelo que é emparelhado com o conhecimento de igualdade.

O conhecimento de igualdade tem uma base metafísica, que pode ser usada para estruturar a meditação, mas efetivamente refere-se na prática à capacidade de estabilizar o conhecimento espelho e contrariar a sua suscetibilidade à imersão arbitrária em objetos. O conhecimento de igualdade é, portanto, necessário para poder lidar com o conhecimento espelho de forma segura, mas também tem uma desvantagem séria quando usado isoladamente. Isto é referido no Lankavatara-sutra como "a aflição do conhecimento de igualdade", significando o perigo de cair na indiferença.

Portanto, o terceiro conhecimento, o conhecimento de diferenciação, é clarificado a fim de superar a indiferença e observar a relevância, compreendendo as relações no reino dos seres e fenómenos. Um provérbio Chan no clássico Livro da Serenidade diz: "O coração do nirvana é fácil de atingir; o conhecimento de diferenciação é difícil de clarificar."

O conhecimento de diferenciação forma a base do quarto tipo de conhecimento, o conhecimento prático. Este conhecimento prático, como descrito na Escritura do Ornamento Floral, outro livro de referência usado pelos mestres Chan clássicos, inclui tanto artes mundanas como místicas. No livro sobre as dez etapas da iluminação, por exemplo, referido repetidamente no Lankavatara-sutra, a concentração na perfeição da meditação, da qual o Budismo Chan tira o seu nome, está associada à quinta etapa.

Nesta mesma quinta etapa, o Ornamento Floral diz, enquanto aperfeiçoam a meditação, as pessoas que se esforçam pela iluminação "praticam o que quer que no mundo beneficie os seres sencientes, como escrita, ensino, matemática, ciências materiais, ciências médicas", e muitas outras ocupações, incluindo "canção e dança, drama, música,

contos e entretenimento", bem como "a construção de aldeias, cidades, parques, canais, reservatórios", e assim por diante, incluindo o desenvolvimento da disciplina moral, meditação e conhecimento místico.

O primeiro livro de Zen, Fé na Mente, é uma tentativa de induzir, ou restaurar, a consciência que permite uma abordagem tão expansiva à experiência da vida.

É explicado no Lankavatara-sutra que as palavras não podem capturar a experiência direta, mas podem ter uma função instrumental, como um dedo apontando para a lua. Portanto, o comentário Chan tradicional, que evoluiu após séculos de história budista, emprega comumente táticas destinadas especificamente a estimular a perceção de primeira mão e a minar qualquer inclinação para congelar a direção em doutrina e a doutrina em dogma.

O primeiro comentário de um mestre sobre o primeiro livro de Zen demonstra esta técnica Chan, no processo ilustrando vários exercícios contemplativos destinados a estimular o desenvolvimento dos quatro tipos de conhecimento.

O autor de Fé na Mente, conhecido como o Terceiro Patriarca do Chan, morreu em 606. O autor do primeiro comentário, um mestre Chan chamado Qingliao, viveu meio milénio depois, de 1089 a 1151. Ele foi um de vários mestres Chan famosos da época a compor comentários extensos sobre casos clássicos de ensinamento Chan.

Comentários em verso sobre cem casos por parte do próprio mestre Chan de Qingliao formam o núcleo da coleção conhecida como Anais de um Salão Vazio. Outro sucessor da mesma escola que mais tarde ajudou Qingliao no ensino escreveu comentários em verso sobre cem casos e comentários em prosa sobre mais cem casos, que mais tarde formaram o núcleo do clássico Livro da Serenidade e Registo de Inquéritos Adicionais. Qingliao também conhecia pessoalmente o famoso mestre Chan Yuanwu, autor dos comentários no clássico Registo do Penhasco Azul e A Torneira de Medição. Um eminente professor ele próprio com uma audiência nunca inferior a mil e setecentas pessoas, Qingliao

deixou um registo de discursos, diálogos e poemas chamado Anais Fora do Tempo, além das suas Antiguidades Selecionadas, que consistem nestes comentários sobre Fé na Mente. Como numerosos outros mestres Chan, ele também praticou e promoveu o Budismo da Terra Pura, e morreu sem doença.

POEMA SOBRE A FÉ NA MENTE
Por Mestre Chan Sengcan

O Caminho supremo não tem dificuldade,
Apenas detesta escolher e selecionar.
Apenas não odeies nem ames
E ele é claramente evidente.

A mais ligeira divergência
É tão distante como o céu da terra.
Se quiseres que se manifeste,
Não mantenhas acordo ou oposição.

Se não conheces a essência mística
Trabalhas em vão ao meditar sobre o silêncio.

É completo como o espaço cósmico,
Sem falta, sem excesso.
É apenas devido a agarrar e rejeitar
Que não é assim.

Não persigas objetos existentes
Não habites no vazio perdurável.
Num coração uniformemente equânime
Tudo desaparece, terminando naturalmente.

Para a atividade para regressar ao silêncio
E parar é ainda mais atividade.
Apenas permanecendo em dois extremos,
Como podes conhecer a unidade?

Quando a unidade não é compreendida,
A efetividade perde-se em ambos os lugares.

Tentar livrar-se da existência obscurece o ser;
Tentar seguir o vazio afasta-se do vazio.

Muita conversa e muita cogitação
É ainda mais fora de contacto.
Regressa à raiz e obténs a essência;
Segue a perceção e perdes a fonte.

Para o discurso, para a cogitação
E penetras em todo o lado.

Regressa à raiz e obténs a essência;
Segue a perceção e perdes a fonte.

Inverter a perceção num momento
Supera o vazio antes do tempo.
Mudanças no já vazio
São todas devidas a visões falsas.

Não precisas de buscar a realidade,
Apenas tens de parar as visões.

Visões duais não permanecem;
Tem cuidado para não as perseguires.
Assim que há afirmação e negação
Perdes a mente na confusão.

Dois existe por causa de um;
E nem sequer guardes o um.
Uma mente não nascida,
Miríades de coisas são irrepreensíveis.

Sem culpa, sem coisa,
Não concebendo, não importando.
O sujeito desaparece junto com o objeto,
O objeto desaparece junto com o sujeito.

O objeto é objeto devido ao sujeito,
O sujeito é sujeito devido ao objeto.
Se quiseres conhecer ambas as partes,
Fundamentalmente são um vazio.

Se não vês o fino e o grosseiro,
Como pode haver parcialidade?

O Grande Caminho é intrinsecamente amplo;
Não tem facilidade, nem dificuldade.
Visões estreitas estão cheias de dúvida;
Quanto mais te apressas, mais o atraso.

Agarra-te a isto e perdes a medida
E certamente entras num caminho falso.
Deixa-o ir naturalmente;
A substância nem sai nem fica.

Confiar na natureza, fundindo-se com o Caminho,
Vagueando livremente, terminas a aflição.

Fixar o pensamento afasta-se da realidade;
Afundar-se no esquecimento não é bom.

Não é bom fatigar o espírito;
Para que serve a evasão e a abordagem?

Se quiseres tomar o Um Veículo,
Não sejas avesso aos seis campos sensoriais.
Os seis campos sensoriais não são maus;
São o mesmo que o verdadeiro despertar.

Os sábios não têm artificialidade;
Os tolos atam-se a si mesmos.

Não há coisas especiais;
Arbitrariamente formas os teus próprios apegos.
Usar a mente para aplicar a mente—
Não é isso um grande erro?

A confusão cria tranquilidade e perturbação;
A iluminação não tem gostos ou desgostos.

Todos os extremos duais
São juízos subjetivos arbitrários.

Sonhos, ilusões, flores no céu—
Porque te esforças para os agarrar?

Ganho e perda, certo e errado—
Deixa ir tudo de uma vez.

Se os olhos não dormem,
Os sonhos desaparecem por si mesmos.
Se a mente não difere,
Todas as coisas são como uma.

Absorve o mistério como um;
Imóvel, esquece os objetos.
Miríades de coisas observadas igualmente,
Regressam à naturalidade.

Elimina as tuas suposições;
Não pode ser comparado.

Imobiliza a atividade e não há atividade;
Ativa o silêncio e não há silêncio.

Como dois não surge,
Como pode um ser assim?
Descobre o fim, sonda o último;
Não te mantenhas em trilhos e modelos.

A mente em harmonia é equânime;
Toda a fabricação cessa.
Quando a dúvida é afastada,
A verdadeira fé encaixa diretamente.

Nada permanece;
Não há nada para recordar.
Iluminação vazia espontaneamente consciente
Não gasta esforço mental.

O que não está no alcance do pensamento
A mente consciente não pode sondar.
No reino da realidade tal como verdadeiramente é
Não há eu nem outro.

Se quiseres harmonizar rapidamente,
Apenas fala de não-dualidade.
A não-dualidade é a mesma para todos;
Nada não está contido.

Os sábios dos dez sentidos
Todos entram nesta fonte.
A fonte não é próxima nem distante;
Um momento, dez mil anos.

Não há lugar onde não esteja,
Os dez sentidos mesmo diante dos olhos.

O menor é o mesmo que o maior;
Esqueces os limites dos objetos.
O maior é o mesmo que o menor;
Não vês fora das fronteiras.

A existência em si é não-existência,
A não-existência em si é existência.
Se não for assim,
Não a guardes.

Um é tudo,
Tudo é um.
Se puderes ser apenas assim,
Que ruminação não terminará?

A Fé na Mente é não-dualista;
O não-dualismo é Fé na Mente.

Introdução por Mestre Chan Qingliao

Cortar os desvios das mil diferenças já é morder o pó em terreno plano; fecha os teus órgãos vocais e ainda não podes evitar tatear o caminho usando cercas e paredes.
Avançar e abrir uma boca de concha e falar sobre mente e essência, Chan e o Caminho, é tudo enganar pessoas, destruir budistas.
E quanto ao assunto perene? Vamos tentar trazê-lo à tona sem ficarmos demasiado vagos.

Poema sobre a Fé na Mente

Por Sengcan

Comentário por Mestre Chan Qingliao

Este espírito de raposa selvagem! Do que estás a falar! "Não é mente, não é Buda, não é uma coisa"—o que há para confiar? Limpo e nu, descalço e desimpedido, inatingível—o que mais podes escrever?
O Terceiro Patriarca não distinguia o bom do mau; dizer esta palavra "mente" já atribui erroneamente uma designação verbal sujando a sua boca. Mesmo que ele lave a boca durante três mil anos e lave as orelhas durante oitenta eóns, isto já é uma videira enrolada nos teus pés, um cartaz ao redor do teu corpo.

Além disso, as pessoas vêm aqui em multidões querendo que alguém explique tudo. Felizmente não há ligação; mas mesmo assim, tendo trazido um, não posso citar um segundo. Deixa passar o primeiro movimento, e há algo para discutir. Deixa-me perguntar-vos, pessoas: os elementos físicos presentes e os seis sentidos, internos e externos, são ilusórios, fundamentalmente vazios; a clareza e completude diante de vós enche o céu e a terra—o que é então?

Se puderdes confiar desta forma, então esta é a paisagem do terreno original do teu eu, o teu rosto original. Irradiando luz e movendo a terra dia e noite, está sempre presente diante de ti, saindo e entrando. Se ponderares e tentares discutir, demorares no pensamento e estagnares o teu potencial, por agora ouve humildemente a disposição do caso da borda da tua cadeira de meditação.

O Caminho supremo não comporta dificuldade,
Apenas detesta escolher e selecionar.

Comentário

Para, para! "Assim que as palavras são faladas, 'Isto é discriminação,' 'Isto é clareza.'" O coração e as entranhas da vida quotidiana do Terceiro Patriarca são mostrados a todos vós de uma vez. Mas conseguis obtê-lo? Este "O Caminho supremo não tem dificuldade, apenas detesta escolher e selecionar," corretamente declarado e corretamente falado, não só foi impossível para Zhaozhou explicar durante cinco anos; na verdade, todos os antigos mestres na terra viram as suas lanças de cabeça para baixo, tiram as suas armaduras, e aqui reconhecem a derrota.

Agora quereis penetrar este caso através do topo e do fundo, até ao osso e à medula? Apenas despede todos os fixações psicológicas anteriores, miríades de tipos de esperteza e cálculo, opiniões aprendidas e interpretações intelectuais, slogans e complicações—vomita tudo de uma vez, e depois verifica o teu próprio pulso vital. Se puderes ver através num olhar, então por favor pendura a tua tigela e bolsa e quebra o teu bastão de caminhada; reconhecidamente és um viajante sem nada para fazer e nada com que se preocupar.
Se, no entanto, o teu sentido conceptual não for interrompido e as tuas opiniões e interpretações não forem esquecidas, e tentares descobrir verbalmente, serás pressionado a reembolsar as pessoas dinheiro pela água bebida e dinheiro pelo calçado algum dia. Mesmo por eu vos dizer isto há uma surra de trinta pancadas. Onde está a falha? A boca que o meu pai e mãe deram à luz nunca vos explicará.

Notas

"Assim que as palavras são faladas, 'Isto é discriminação,' 'Isto é clareza.'" O Poema sobre a Fé na Mente é citado em várias histórias no clássico Chan Registo do Penhasco Azul. Esta citação é do segundo caso: o famoso mestre Chan Zhaozhou disse, citando o poema, "'O Caminho Supremo não tem dificuldade, apenas detesta escolher e selecionar.' Assim que há palavras faladas, 'Isto é discriminação, isto é

clareza.' Eu não permaneço dentro da clareza; preservais algo?" No caso 58, um monge perguntou a Zhaozhou "'O Caminho supremo não tem dificuldade, apenas detesta escolher e selecionar'—não é isto um cliché para as pessoas nos dias de hoje?" Zhaozhou disse, "Uma vez alguém me perguntou, e eu simplesmente não pude dar uma explicação durante cinco anos."

Apenas não odeies nem ames
E ele é claramente evidente.

Comentário

Quem diz isso?
(silêncio)
Ninguém o conhece.
Mesmo assim, se não procurardes os sábios e não levardes o vosso próprio espírito a sério, o que odiaríeis, o que amaríeis?
Mas agora o tipo comum pega em ditados de professores, ditados de imitação, ditados padrão e ditados ad hoc, passa-os verbalmente e imprime-os nos outros mentalmente, colocando-os em impressão, circulando-os gradualmente, estudando-os repetidamente até obterem uma barriga cheia de Chan superficial. Após dois ou três anos esqueceram tudo e são como sempre; onde quer que vão contendem, comparam e competem, a sua ignorância abrangendo o céu.
Como podem estar livres de ódio e amor?
Quereis, pessoas, compreender a clareza lúcida?
(segurando um whisk)
Mortifica completamente as pessoas.

A mais ligeira divergência
É tão distante como o céu da terra.

Comentário

Disseste-o bem, mas não conheces o ponto último. Mesmo o grande Fayan e o Mestre de Xiushan ainda parecem estar a desenhar uma cabaça baseada no original. Quanto mais vós agora que habitualmente apenas o citais e pensais que é disso que se trata. Os seguidores de Chan precisam de despertar antes de o obterem.

Alguns dizem, “Se te desvias minimamente, perdes por mil milhas. Este é o reino de nenhuma mente; se tentares mentalmente perdes; se despertares pensamento viras-te para longe.” Se continuardes a adicionar interpretações como esta, apenas obterás uma língua escorregadia. O Terceiro Patriarca não tinha tais coisas nas suas entranhas; ele apenas apresenta-o mesmo à tua face, transmitindo-o com ambas as mãos.
Mas e quanto a “a mais ligeira divergência é tão distante como o céu da terra”—onde dizes que o ponto último reside, afinal?
(Um monge estava prestes a abrir a boca; o professor bateu-lhe imediatamente)

Notas

A história de Fayan e Xiushan aparece no caso 17 do clássico Chan Livro da Serenidade: Fayan perguntou a Xiushan, “‘A mais ligeira divergência é tão distante como o céu da terra’—como compreendes?” Xiushan disse, “‘A mais ligeira divergência é tão distante como o céu da terra.” Fayan disse, “Como podes obtê-lo dessa forma?” Xiushan disse, “Eu sou apenas isto—e tu?” Fayan disse, “A mais ligeira divergência é tão distante como o céu da terra.” Xiushan curvou-se então.

Se quiseres que se manifeste,
Não mantenhas acordo ou oposição.

Comentário

O que estás a dizer?
(silêncio)
Foi exposto tudo de uma vez; vós todos não podeis evitá-lo mais. O que se manifesta? Está amontoado em montanhas, mas tenta trazer-me mesmo um cabelo.
Não lestes como Guishan passou vinte anos “não praticando Chan, não estudando o Caminho,” mas “apenas criando um búfalo de água”? Está sempre diante dos vossos olhos, exposto, descoberto.

Se puderdes ser assim, não vedes oposição, não vedes acordo; tudo em todo o lado é cortado de uma vez. Isto é chamado a manifestação da luz eterna, não escurecida momento a momento.

Se apenas compreenderdes a vós mesmos e não compreenderdes o que está à vossa frente, tendes apenas um olho. Se apenas compreenderdes o que está à vossa frente e não compreenderdes a vós mesmos, neste caso também tendes apenas um olho.
Pessoas, como ressoa isto?
A terra está coberta de neve;
quando o inverno chega, como sempre está frio.

Se não conheces a essência mística
Trabalhas em vão ao meditar sobre o silêncio.

Comentário

No momento em que ele está prestes a fazer o julgamento final, o que está este sujeito a fazer apenas atando-se sem corda?

Esta é a porta da grande libertação, um estado de independência total, vivo a cada passo, vivo a cada momento, rolando infinitamente. Se o puderdes reconhecer no bulício fervilhante, só então sois cristalinos em todos os aspetos, penetrando em todo o lado. Se ides para a montanha da escuridão e agis senilmente em vez disso, que ligação há? Mesmo se puderdes chegar onde "a clareza espiritual é profundamente imóvel," ainda não saístes desse aglomerado de consciência.

Isto é apenas sentar no reino do nada sem ter escapado à noção de quietude, sem ter clarificado a vossa própria perceção. Isto é chamado bater uma bola limpa. Ainda não percebeis que se encontrardes a pureza do reino da realidade quando o pensamento laborioso para sempre, então essa compreensão da pureza torna-se um problema com o qual vos obstruís a vós mesmos. Isto significa que a realização está na quietude do espírito, enquanto a perda está na variedade das coisas; reconhecendo erroneamente o ponto zero da escala, insistis em chamá-lo o reino de nenhuma mente. Felizmente não há ligação; isto é de facto a compreensão de um estranho com consciência condicionada pouco clara. O mais baixo dos noventa e seis tipos na Índia ainda seria melhor do que vós, pessoas.
Quereis compreender a essência mística?
(silêncio)

Há apenas a lua brilhando na parede;
Não há mais vento soprando as folhas.

É completo como o espaço cósmico,
Sem falta, sem excesso.

Comentário

É apenas isto, nada mais: sem traços, sem limites, como um carneiro pendurado pelos chifres deixando sem rastos, como o caminho de um pássaro num céu crepuscular.
As cinco cores não o podem manchar, as cinco notas não o podem perturbar, miríades de formas não se podem misturar, a totalidade das aparências não pode participar.
Bem arredondado e independente, completo sem limite, nas pessoas comuns é chamado o estado das pessoas comuns, nos sábios é chamado o estado dos sábios. Fundamentalmente não tem falta nem excesso.
Onde está? Visto através!

É apenas devido a agarrar e rejeitar
Que não é assim.

Comentário

Errado.

Se fundamentalmente não há falta, o que há para agarrar? Se fundamentalmente não há excesso, o que há para rejeitar? Se é completo como o espaço, está em todo o lado e não pode ser agarrado mais do que isso; não é um lugar particular e não pode ser descartado mais do que isso.

Um homem antigo também vos disse que aquilo que é claramente evidente diante de vós, sem forma ou sombra, é a realidade da vossa mente única, aquilo em vós que ouve o Dharma por meio do Dharma, procurando a mente por meio da mente. Já está completo—que mais insatisfação tendes?

O tipo habitual que falha em penetrar diz então: "Não compreenderei nesta vida; deixa-me desistir desta tarefa e passar o tempo por agora

lendo escrituras e fazendo recitações diárias." O que eles não percebem é que, quer estejais sentados, a andar por aí, mesmo a ir à casa de banho, está sempre a seguir-vos; quando estais a ler escrituras, a fazer recitações, a realizar prostrações, a queimar incenso, está sempre a seguir-vos. Como podeis abandoná-lo?

Simplesmente não pode ser agarrado, não pode ser abandonado; é realizado assim dentro da inatingibilidade. Quereis ver o Mestre? "Precisas de compreender assim; só então te harmonizas com o ser como é."

Introdução

Cortar unhas e cisalhar ferro, e as ervas daninhas em frente ao portão têm três metros de profundidade. Partir dois em três, e os mortos são incontáveis em terreno plano. Agora pegarei num bastão que mata e dá vida, perfurarei as cem ervas, usá-lo-ei de cabeça para baixo e manejá-lo-ei de lado.

Muitas mãos peneiram ouro—quem o obterá?

Não persigas objetos existentes

Não habites no vazio perdurável.

Comentário

Cego, para onde vais? Quem te fez cair num poço? Conheces "objetos existentes"? Esta é a consciência invertida nos vossos sentidos condicionada por incontáveis éons de vida e morte, que agora entrou nos vossos crânios e barrigas sem que o soubésseis, agarrando objetos sensoriais dia e noite, nunca parando. Como não vedes através dela, apenas perseguis esse agarrar e rejeitar ganancioso, agindo compulsivamente e colhendo as consequências, balançando no oceano da vida e morte repetitiva.

Agora quereis parar de perseguir objetos? Precisais de parar a vossa faculdade conceptual de modo a estar limpos e nus; os miríades de objetos diante dos vossos olhos virão ao repouso todos de uma vez, e naturalmente experimentareis um estado de paz e conforto.

Quando ouvem as pessoas dizer isto, o tipo comum então vira-se totalmente para longe dos objetos dos seis sentidos e desconsidera miríades de fenómenos, habitando mentalmente no silêncio vazio, sentando-se no éon do vazio, ficando como uma árvore seca sozinha num penhasco, semelhante à morte, chamando isso um estado de repouso. Felizmente não há ligação. Ainda não sabem que "quando o potencial não deixa uma posição estática, cai num mar de veneno." Mesmo se permanecerdes muito estáveis durante oitenta mil éons, sois apenas uma pessoa morta cuja alma ainda não se dissolveu, um niilista estranho. Não lestes Tongan a falar de "Transcendência que o éon do vazio não pode conter"?

Os dados sensoriais e as funções mentais ligariam ou impediriam isso?

Precisais de ser não-afetados pelo esforço sobre objetos sensoriais, não absorvidos na subtileza pura; só quando passais por ambos os objetos existentes e a endurance do vazio é que sabeis que há algo para além.

O que considerais ser o que está para além?

Extrair o osso lateral no escuro,

Cortar a língua na luz.

Num coração uniformemente equânime

Tudo desaparece, terminando naturalmente.

Comentário

"A pele derramada completamente, há apenas uma verdadeira realidade." Iluminando o passado e o presente, é tão claro como o sol brilhante aparecendo diante de vós, nu e limpo, mas consegues vê-lo? É chamado a mente comum.

Quando vos virais do comum para vos fundirdes com o Caminho, não há lugar para calculardes. Procurando horizontalmente e procurando verticalmente ao ponto de mesmo os Budas e mestres não poderem dizer, sois como um gato doméstico, um boi branco, indescritível: os dois extremos do vazio e da existência desaparecem, terminando naturalmente.

Quando alcançais tal estado, os vossos olhos são como as vossas sobrancelhas, a vossa boca é como o vosso nariz; só então sois capazes de sentar em paz.

Como podem as pessoas atingir a harmonia?

(silêncio)

Várias notas da flauta estrangeira após uma chuva esparsa

Vêm soprando passando, penetrando a névoa através da aldeia ao pôr do sol.

Deter a atividade para regressar ao silêncio

E deter é ainda mais atividade.

Comentário

A conversa torna-se dualista: porque vos deixais apenas à deriva com a consciência condicionada, confundindo um reflexo com a vossa cabeça? O que é ativo? O que é imóvel? Não pode haver dois; esta coisa é apenas uma, não duas. Se quiserdes parar a sua atividade para regressar à sua imobilidade, não há ligação. Ainda não percebeis que, quer caminhando, de pé, sentados, deitados, vendo, ouvindo, sentindo, sabendo, falando, silencioso, ativo ou imóvel, a própria essência é a realidade em si, sem forma, sem descrição, sem sinal, sem traço, mas claramente óbvia, sempre em ver, ouvir, sentir, saber, falar, silêncio, atividade e função, a sua luz brilhando intensamente, não deixando nada no escuro.

Isto significa que a imobilidade é toda a atividade. Agora quereis parar esse funcionamento móvel e regressá-lo totalmente à imobilidade, não sabendo que imobilizar faz mais e mais movimento. Praticantes de Chan, a imobilidade é em si movimento; porque parar isso?

É por isso que os sábios esvaziam o seu coração e não possuem conhecimento. Embora vivam no meio da atividade, estão sempre num estado não forçado ou artificial.

Mas e quanto a uma expressão que não toca na atividade ou na imobilidade—como o dizeis?

(batendo no seu assento de meditação, o professor disse) Totalmente estilhaçado.

Apenas permanecendo em dois extremos,

Como podes conhecer a unidade?

Comentário

(batendo) Apenas porque a massa nua de carne, prestes a entrar em contacto com o meu bastão, não reconhece a dor e morre sob o bastão. Apenas agarrando-se à ação, agarrando-se à quietude, perdendo-vos e perseguindo coisas, carregados pelas ondas do mundo, sentidos e objetos, com e sem forma, quando é que alguma vez percebereis que há este assunto?

Quereis compreender?

(Um monge começou a dizer algo. O professor disse) Mesmo que eu pudesse bater em cem mil miríades deles, o que isso conseguiria?

Quando a unidade não é compreendida,

A efetividade perde-se em ambos os lugares.

Comentário

Afinal, estais a tatear ao longo de cercas e paredes, pés apressados e mãos em alvoroço. A atividade completa a tranquilidade, a tranquilidade completa a atividade; há apenas um, não dois. Vós idiotas aqui, como não conseguis passar, quando praticais meditação em ação confundis um ladrão com o vosso filho, e quando praticais meditação na quietude cortais a vossa cabeça procurando viver. Apenas caís num poço.

Um não se torna dois. Isto não é um viés na compreensão ou imersão dos sentidos em objetos. Não digais que a efetividade se perde em ambos os lugares—tropeçais por todo o lado. Se puderdes penetrar um lugar, então mil lugares, dez mil lugares, são penetrados de uma vez. Mas dizei-me, o que é esse um lugar?

(silêncio)

Quando há flores e também vinho no caminho,

Uma viagem divide-se em duas etapas.

Tentar livrar-se da existência obscurece o ser;

Tentar seguir o vazio afasta-se do vazio.

Comentário

Que salvação há? Mas deixa-me perguntar-vos, que coisa há que possais livrar-vos? Tenta trazer-me um único cabelo. Todo o universo, todo o mundo, é o sujeito, apenas o assunto doméstico experimentado por um monge de robe remendado. É chamado função subtil, é chamado existência subtil—como vos livraríeis dela? Se eliminardes miríades de formas, removerdes objetos sensoriais e banirdes tudo o que é, perdeis a existência subtil e caís no niilismo.

Seguidores de Chan, pensai cuidadosamente: uma vez que eliminastes miríades de formas, removestes objetos sensoriais e caístes no éon do vazio, também vos afastastes do verdadeiro vazio, não sabendo que as miríades de formas em si são de facto o verdadeiro vazio. O que quer que entreis em contacto originalmente não tem descrição; pegando nele de lado, usando-o de cabeça para baixo, que tabu há?

Geralmente, se não clarificardes o terreno da mente, dispensareis tudo o que é e perdereis a existência subtil, seguireis o vazio niilista e afastar-vos-eis do verdadeiro vazio. Apenas parar a atividade é dispensar todos os existentes, tentar regressar à quietude é seguir o vazio. Aqui fala de existência e vazio, antes falava de atividade e imobilidade. A atividade é imobilidade, a existência é vazio—os nomes são diferentes mas a substância é a mesma; não há mais nada.

Mas dizei-me, onde está o erro?

Olhando gananciosamente para a lua no céu,

Perdes a pérola na tua mão.

Muita conversa e muita cogitação

É ainda mais fora de contacto.

Comentário

Baixa a voz! Assim que abres a boca estás fora de contacto! Precisais de pegar num martelo de ferro sem buraco e simplesmente fazer com que todos na terra percam as suas vidas. Se não o fizerdes, permanecereis num ninho de complicações, como uma tartaruga coxa ou uma tartaruga cega entrando num vale vazio. Quando é que alguma vez conseguireis sair?

Seguidores de Chan, se este assunto está nas palavras, não há palavras no cânone? Porque teria sido necessário "erguer uma flor", "sorrir" e "transmitir o olho da verdade"? Quereis compreender? Fechai o vosso saco de pele e obtende-lo diretamente, sem mais considerar antes e calcular depois. Se tentardes discutir ou avaliar no pensamento, entrais imediatamente numa caverna de fantasmas.

Portanto, "Quando os sentimentos surgem, o conhecimento é bloqueado; quando as ideias mudam, as entidades diferem." Precisais de cortar o caminho da linguagem e parar o curso do pensamento. Afinal, o que consegue isto?

Uma noite de chuva derrubando as flores

E a água fluindo por toda a cidade é fragrante.

Notas

"Erguer uma flor", "sorrir" e "transmitir o olho da verdade" referem-se a uma história Chan sinal envolvendo o Buda e Kasyapa o ancião, um dos seus principais discípulos, ilustrando o princípio da experiência direta.

De acordo com a recapitulação em Transmissão da Luz, uma história Zen simbólica, "Quando o Buda ergueu uma flor e piscou os olhos, Kasyapa desatou num sorriso. O Buda disse: 'Eu tenho o tesouro do olho da verdade, a mente inefável do nirvana. Estes confio a Kasyapa'"

Pára de falar, pára de cogitar
E penetras em todo o lado.

Comentário

De onde tiraste esta informação?
(silêncio)
Melhor cortar a língua do que violar o tabu nacional.
Incontáveis impulsos arrancados de uma vez, sem a companhia dos mil sábios, encara-te a ti mesmo como o teu pior inimigo, e então os Budas e Mestres serão discípulos.
Deshan e Linji tinham o bastão e o grito, falavam alto e fitavam com dureza, mas quando chegas aqui nada disso se aplica.
Ainda assim, não "te prendas ao verde de plantas invulgares numa falésia fria",
pois "se continuas sentado nas nuvens brancas, a realização não é subtil."

Regressa à raiz e obterás a essência;
Segue a perceção e perdes a fonte.

Comentário

Continua assim, de modo que os Budas de todos os tempos, as seis gerações dos mestres originais do Chan, e todos os velhos mestres do mundo
franzam o sobrolho, e já caíste na confusão. Quanto mais ainda quando explicas doutrinas, debates prós e contras, discorres sobre fundamentos,
expões iluminação e função — quando é que alguma vez descansarás?
Seguidores do Chan, neste instante, se abrires a boca para falar cais na expressão verbal. Isto é "esgotar o prodígio, perder a fonte."
Serás apenas arrastado por descrições verbais, relatos e interpretações.
Mas se, como disse um antigo, "Quando as folhas caem regressam às raízes;
quando vim não tinha fala", então como explicas "A árvore sem raiz no cimo da montanha polar floresce por si só, sem influência da brisa primaveril"?

Reverter a perceção num instante
Supera o vazio anterior.

Comentário

Estás à espera da reversão do veredicto? Antes ele disse:
"Tentar livrar-se da existência obscurece o ser; tentar seguir o vazio afasta-te do vazio." Agora, em vez disso, diz: "Reverter a perceção num instante supera o vazio anterior."
Justo quando poderias pensar que este não tinha vislumbre, antes não compreendendo a realidade total das coisas, rejeitando a existência e obscurecendo o ser, agora entende que todos os fenómenos materiais
são em si mesmos realidade, e já não rejeita a existência.
Uma vez que compreendes que todas as coisas são tu mesmo, não há uma única coisa que possa atingir os teus sentimentos — vês através de mil diferenças. De imediato isto é transformar a matéria de volta em vazio,
instantaneamente, já não destacando para contemplar o vazio.
Identificar-se com a própria substância, sem descrição, chama-se ver a mente ao veres a matéria. É por isso que "supera o vazio anterior."
Quando o estudo atinge este estado, uma vez que a chave gira, rola ao longo das atividades diárias, inevitavelmente. Mas mesmo assim, isto já é enterrar-te a ti próprio.

Mudanças do vazio anterior
São todas devidas a visões falsas.

Comentário

Se te conheceres a ti mesmo, já basta. Antes apenas te afastavas dos objetos para contemplar o vazio, eliminavas pensamentos que surgiam e desapareciam, esclarecias corpo e mente, não vias nada de todo, apenas sentias o vazio em redor. Pensas que isto é maravilhoso, sem saber que é manifestação da tua imaginação. Se te destacas da mente imaginativa,
este vazio desaparece.

Isto significa que mesmo que a mente consciente não se apegue à existência mas se apegue ao vazio, de modo que a noção de vazio domine
o teu estado mental, isto também é manifestação da ilusão.
Isto é causa de descuido e abandono, negar causa e efeito, rejeitar existência e apegar-se ao vazio, mergulhar no fogo para evitar afogar-se na água — considerado cuidadosamente, os crimes estão registados no mesmo processo.

Não precisas de procurar a realidade,
Apenas tens de parar com as visões.

Comentário

O caso do presente tornar-se — porque o procuras? Ver e ouvir são reais,
som e forma são reais, atividade e quietude são reais, fala e silêncio são reais.
Neste instante as tuas atividades diárias, perceção e consciência, pura realidade,
abrangem de imediato o tempo e preenchem o mundo inteiro.
As mil diferenças e miríades de mudanças, como totalidade, são uma realidade,
manifestam-se de uma só vez sem mover um cabelo, sem nada faltar ou sobrar.
Seja qual for a tua noção de existência ou de vazio, noção de Buda ou noção de Dharma,
varre claramente todo o entendimento opinativo.
Aqui, limpo e nu, despido e livre, chegas naturalmente a um estado de paz interior. E então?
(silêncio)
O que se passa na tua mente?

As visões duais não permanecem;
Tem cuidado para não as perseguires.

Comentário

Ainda a falar disso! Aqui ele quer que abandones a noção de existência e de vazio de uma vez, para ficares sem fardos — não as recordes mais,
não as persigas. Quanto mais te afastas, mais próximas parecem; quanto mais próximas estão, mais distante ficas; quanto mais as rejeitas, mais te seguem.
Mesmo que ponhas cinza na cabeça e lama no rosto,
penses apenas em mistério e já não tomes alimento,
já caíste na nobreza.

Como podes evitar cair na nobreza?
Quando a lua se ergue sobre o oceano,
Quantos sobem as escadas?

Assim que há afirmação e negação
Perdes a mente em confusão.

Comentário

(golpe com a voz) Para onde foi? (silêncio)
Procurar sem encontrar no vau com as ervas fragrantes
Passando a noite como dantes hospedado nas flores de junco.

Introdução

De pé no pico mais alto, trespassas os crânios de todos os monges de manto do mundo, horizontal e verticalmente. Cortando o sujeito, não podes ser aprisionado por mil pessoas, dez mil pessoas.
Agora mesmo seguro uma cabeça de boi para lhe dar feno,
apanho um gato de um cobertor. Se consegues cavalgar a cabeça de um tigre,
ambos acabam cegos. Há alguém que não aproveite restos?

Dois existem por causa de um;
E nem sequer guardes o um.

Comentário

Com quem estás a falar?
Entendes? Todo o vazio e existência, toda a atividade e quietude, todo o ganho e perda, todo o pegar e largar, todo o ódio e amor, toda a afirmação e negação, no total é apenas o sujeito. Não há segundo, não há outro. Antigos não puderam evitar chamar-lhe a uma grande questão, o único caminho para o nirvana, o ensinamento expedito de um veículo. Uma palavra compreende as dez direções, uma afirmação transcende miríades de formas. Mil afirmações, dez mil afirmações, são apenas uma afirmação; mil verdades, miríades de verdades, são apenas uma verdade.
Quando chegas ao estado de unidade, então deves voltar-te; se continuas preso à unidade, então é uma estaca para prender burros. É por isso que o grande mestre Yunmen disse: "Mesmo que realizes que não há problema no mundo inteiro, isto ainda é uma expressão de voltar; quando não vês uma única forma, isto é apenas meia apresentação. Deves saber que há um tempo de apresentação total." Seguidores do Chan, é inegavelmente complicado. Quereis compreender?
Deveis dar uma cambalhota à beira de um penhasco de dez mil braças, assim a raiz da vida é cortada; só então tereis um pequeno eco.

Uma mente não-nascida,
Miríades de coisas sem culpa.

Comentário

(silêncio)
Montanhas são montanhas, águas são águas, céu é céu, terra é terra — que culpa há?
Vestir, comer, varrer, preparar chá, viajar para leste, passear para oeste, atender às chamadas da natureza — que culpa há?
"Apenas elimina a doença, não elimines a realidade;"

“Não mudes a pessoa de antes, apenas muda o curso da conduta anterior.”
Qual é o teu curso de conduta presente?
Quando colhes água, a lua está nas tuas mãos;
Quando aprecias flores, a fragrância impregna as tuas roupas.

Sem culpa, sem coisa,
Sem conceber, sem importar-se.

Comentário

Espetado num único espeto, erguido numa única apresentação, cristalino por todos os lados, distinto sem comparação, de tal modo que o terceiro Patriarca não tem onde se esconder. Sabeis a conclusão?

Melhor é uma única linha
A definir a forma das montanhas verdes.

Sujeito desvanece com o objeto,
Objeto desaparece com o sujeito.

Comentário

“Quando a luz e os objetos são ambos esquecidos, então o que é isto?”
Sabes? O que percebe é mente, o que é percebido é objeto.
Os objetos são concebidos pela mente, a mente concebe com base nos objetos.
Quando não há pensamentos na mente, os objetos são vazios;
quando os objetos não são descritos, a mente está em silêncio.
Então atinges “sujeito a desaparecer com o objeto, objeto a desaparecer com o sujeito,”
noumeno e fenómeno em acordo místico, “a pessoa e o boi não vistos,”
de modo que “Quando todas as flores de pessegueiro caíram, onde vês Lingyun?”

Nota

“Quando todas as flores de pessegueiro caíram, onde vês Lingyun.”
Lingyun praticou Chan durante trinta anos; então, certa manhã,
foi subitamente iluminado ao ver as flores de pessegueiro.

O objeto é objeto devido ao sujeito,
O sujeito é sujeito devido ao objeto.

Comentário

Por quem é isto provocado?
Quando a mente se identifica totalmente com os objetos, então os objetos são objetos devido à mente;
quando os objetos se identificam totalmente com a mente, o sujeito é sujeito devido aos objetos.
O sujeito ser sujeito devido aos objetos é "retirar o ambiente, não retirar a pessoa."
Os objetos serem objetos devido ao sujeito é "retirar a pessoa, não retirar o ambiente."
Portanto, ser totalmente objetivo no ambiente significa não retirar o verde das montanhas,
o azul da água, a altura do céu, a espessura da terra, as adaptações, as mudanças e os desenvolvimentos.

Quando totalmente mental na mente,
O universo e a terra inteira estilhaçam-se completamente.

Notas

Quando totalmente mental na mente, o universo e a terra inteira estilhaçam-se completamente —
O que chamas de universo e terra inteira? (Livro da Serenidade, 12)

Se queres conhecer ambas as partes,
Fundamentalmente são um só vazio.

Comentário

(O mestre interrompeu-se ao falar, dizendo) De que duas partes ou três partes falas tu?
Só precisas de levar com a vara. Se quero encontrar-me com o grande mestre,
não dizes tu que pessoa e ambiente são ambos retirados, o sagrado e o profano ambos cortados,

não há pessoa nem Buda, o universo inteiro é uma bolha no mar,
todos os sábios e santos são como um relâmpago.
Mesmo que consigas dizer tudo, ainda assim não evitas a vara.

Se não vês fino e grosseiro,
Como pode haver parcialidade?

Comentário

Quando as pessoas estão em repouso, não falam; quando a água está em repouso, não corre.
E quando o bastão está em repouso? Mesmo que batas coalhada, manteiga e ghee até se tornarem um só sabor,
e derretas jarras, pratos, anéis e pulseiras num só ouro, céu e terra tendo a mesma raiz,
miríades de coisas um só corpo, sem parcialidade, sem viés, sem fino, sem grosseiro,
isto ainda não é extraordinário.
O que é extraordinário?
As flores da montanha, ao florirem, são como brocado;
Os riachos do vale, a transbordar, são como índigo.

Introdução

Ao passar uma lâmina por uma corrente veloz, romper para dentro e romper para fora são simultâneos;
numa faísca, num relâmpago, matar e dar vida livremente.
Mesmo que as galinhas se empoleirem nas árvores quando faz frio e os patos entrem na água quando faz frio,
isto já é perder a vida. Há alguém que não dê importância a viver ou morrer?
Tenta sair do ninho de complicações.

O Grande Caminho é intrinsecamente vasto;
Não tem facilidade, nem dificuldade.

Comentário

Quando a terra é vasta e as pessoas são poucas, poucos são os que encontras.
(silêncio)
É tão vasto que a totalidade do espaço nasce nele, como uma nuvem a salpicar uma clareza imensa.
Queres conhecer a verdadeira substância do Grande Caminho?
O Mestre Zhi disse: "Não está separado de som, forma e fala."
Cada um de vós presentes pode falar, ver e ouvir — onde está a substância real do Grande Caminho?
Não leste como um monge perguntou a Zhaozhou: "O que é o caminho?"
Zhaozhou disse: "Fora das muralhas."
O monge disse: "Não estou a perguntar por esse caminho."
Zhaozhou disse: "De que caminho estás a falar?"
O monge disse: "O Grande Caminho."
Zhaozhou disse: "O Grande Caminho vai até à cidade capital."
O velho Zhaozhou fala de forma excessivamente simples e direta.
O Terceiro Patriarca mostra as entranhas mal abre a boca.
A língua do Mestre Zhi não tem osso.
"Os que vêm a pronunciar juízo são pessoas de juízo."
Os três salteadores aqui foram presos ao mesmo tempo — como bani-los para o cativeiro na cidadela do seu estado natal?

Visões tacanhas são assediadas pela dúvida;
Quanto mais te apressas, maior o atraso.

Comentário

"Recebe o que te cabe e sai."
Quem te disse para te apressares? Se eu disser que simplesmente não há preocupação,
as tuas entranhas enchem-se de dúvida, e não dás um passo atrás para

aceitar o que é,
apenas avançando, castigando o corpo e torturando o espírito, numa pressa para terminar.
Ainda não percebes que quanto mais te apressas maior o atraso,
quanto mais aplicas a mente mais te afastas.
Mesmo que polas durante três éons incalculáveis, apenas conseguirás uma prática artificiosa,
sem saber que um único instante sem mente transcende imediatamente o estudo provisório dos três veículos.
Não leste a frase de Zhaozhou: "Vi centenas, milhares, dezenas de milhares de pessoas.
Todas procuravam tornar-se budas; é difícil encontrar alguém entre elas que seja sem-mente."
Seguidores do Chan, como podeis estar sem dúvida?
(silêncio)
O céu brilha com as nuvens brancas; o riacho corre com a lua brilhante.

Apegar-te a isto faz-te perder a medida
E certamente entrar num caminho falso.

Comentário

Cegos, larguem isso! Esta questão é como um fogo enorme; aproxima-te demasiado e morres.
Onde há ninho ou trilho para te instalares ou seguires?
Se a tua ideia de eu não desaparece, tornas-te obcecado com a questão, competindo com os outros por superioridade, o nariz a erguer-se aos céus, sem concordar com ninguém no mundo.
Tudo isto é atitude pervertida, sendo tornado impotente por um pedaço do caminho do Chan, enrolado numa bola.
Aqui, como evitar entrar num caminho falso?
Os damascos do ano passado, os salgueiros deste ano —
A cor e a fragrância são as mesmas de antes.

Deixa ir naturalmente;
A substância nem parte nem permanece.

Comentário

Deixar ir o quê? Só pessoas de olhos claros podem.
Aqui, Chan e o Caminho, Buda e Dharma, prodígio e mistério, não se aplicam de todo;
é apenas dormir, cumprir a parte no trabalho comunitário, apanhar legumes, beber chá, falar,
passar o tempo assim.
Os velhos mestres por todo o lado, a erguerem os seus martelos e a pegarem nos seus abanadores, estão a sonhar —
a expor o Chan, a expor o Caminho, todos falam em sonhos.
Dizes, baseado em que princípio?
Se tens um princípio, o que se pode fazer com ele?

Confiando na natureza, fundindo-se com o Caminho,
Vagueando livremente, acabas com a aflição.

Comentário

O reino da total despreocupação requer uma pessoa totalmente despreocupada para o suportar.
Os antigos cultivavam a simplicidade como um infante, não distinguindo leste de oeste nem sul de norte;
com os seis sentidos em repouso de uma só vez, a iluminação vazia resplandece espontaneamente por si,
compreendendo claramente sem qualquer pensamento conceptual.
Confiando na natureza, seguindo as circunstâncias, o Budismo e a verdade mundana não se perturbam mutuamente.
Sentidos e objetos, os elementos físicos, atividade e quietude, fala e silêncio, são igualmente aliviados,
de modo que já não há um fio ou cabelo a prender-te.
O dia inteiro manténs apenas liberdade desimpedida.
Mas diz-me, o que isto realiza?
(silêncio)

Onde quer que eu vá, a lua da noite gélida
Cai no riacho do vale à frente.

Fixar o pensamento afasta da realidade;
Afundar-se no esquecimento não é bom.

Comentário

Cego adormecido! Agora mesmo dentro do teu crânio, dentro do saco de pele,
pensamento após pensamento flui despercebido.
Com pensamento após pensamento a surgir, como não hás de afastar-te do Caminho da realidade natural?
Isto chama-se beber o vinho da inconsciência, bêbado na caverna das aflições de som e forma,
afundado no esquecimento, mantendo o grande corpo da realidade prostrado ao longo da noite da vida e da morte.
Quando é que alguma vez acordarás? Mesmo no ano do burro ainda não o terás visto, nem em sonho.

Não é bom maltratar o espírito;
De que serve afastar e aproximar?

Comentário

O que fazes tu confundindo o reflexo com a cabeça?
Dirigir a mente e falhas de imediato; quanto mais se há afastamento e aproximação,
escolha e rejeição, perceção invertida, agarrar e rejeitar interpretação intelectual, procurar na estrada da mente,
apanhar na faculdade conceptual — que ligação há?
Esta questão apenas requer que esqueças o teu estado subjetivo para a experimentares,
observando misticamente onde não podes focar atenção.
Que necessidade há de maltratar mente e espírito, torturando o pensamento, o dia inteiro atordoado?
Mesmo que procures até Maitreya nascer cá em baixo, apenas terás o estômago cheio de falsas ideias.
Não suspeites que eu queira enganar-te, apenas receia que te enganes.

Um antigo disse: “Tentar usar conceitos para estudar o misticismo é como ir para leste para chegar a oeste.”

Se queres tomar o Veículo Único,
Não sejas avesso aos seis campos sensoriais.

Comentário

Avesso a quê? “Nas terras de Buda das dez direções, só existe o ensinamento do Veículo Único” —
de onde tiras “objetos dos seis sentidos”? Tenta apanhar até um cabelo para mim;
o corpo dentro, o ambiente fora, o espaço vazio, a terra inteira — tudo são coisas manifestadas
na subtil mente verdadeira luminosa. Cada partícula é assim, cada pensamento é assim —
não há uma única coisa que possua definitivamente a sua substância inerente;
de onde vêm ver e ouvir, som e forma?
Se conseguires simplesmente descartar o mundo exterior e largar corpo e mente por dentro,
a consciência imediata fundindo-se completamente sem fronteira,
atingirás naturalmente a grande libertação.
Quereis vós ver o Patriarca?
Montanhas vazias, o vento derruba rochas;
Casas silenciosas, a lua esgueira-se pelos portões.

Introdução

O Caminho não tem nem concentração nem distração; a verdade está aparte da opinião e da informação.
A concordância das expressões verbais não tem significado real.
Os sábios desde tempos imemoriais tinham mentes como a lua clara e brilhante mas bocas como um homem bêbedo,
calando pessoas com falas insípidas. Empunhando a espada de diamante, cortavam as complicações,
cada afirmação a dirigir-se à situação imediata, querendo que as

pessoas compreendessem diretamente.
Agora, haverá alguém que possa confiar plenamente?

Os seis campos sensoriais não são maus;
São o mesmo que o verdadeiro despertar.

Comentário

Uma frase diz tudo, rasgando passado e presente.
Não ver montanhas, rios e terra lá fora, não ver quatro elementos ou cinco agregados cá dentro,
forma não é forma, som não é som, ouvir não é ouvir, ver não é ver.
(erguendo um espanador) Vês isto?
Xuedou disse: "O bastão é um objeto sensorial — que culpa há? Se não há culpa,
deve-se falar com o dono adequadamente. Assim o corpo dourado de dezasseis pés no lixo é posto de lado;
de pé como uma muralha de mil braças na massa de carne nua deixa passar o primeiro lance.
Mesmo que estejas claro em tudo, isso merece uma série de pancadas."
(deitando o espanador) Também não devo estar a castigar cegamente.

Os sábios não têm artificialidade;
Os tolos prendem-se a si mesmos.

Comentário

Os crimes estão todos listados no mesmo processo.
Ainda assim, não sejas descuidado. Os campos externos de dados dos seis sentidos
originalmente não têm substância identificadora.
São todos o lugar onde monges de manto remendado se voltam, experienciam iluminação e atingem o Caminho.
Os de olhos claros usam-no continuamente o dia inteiro sem serem impulsivos ou artificiosos — que mal há nisso?
Os que não sabem o que é o quê veem coisas fora da mente, e de uma vez são atados firmemente por miríades de objetos,
vendo e ouvindo som e forma, sem perceber que miríades de coisas são fundamentalmente inexistentes,

que são apenas as pessoas a agitarem-se.
Seguidores do Chan, apenas vedes o comum, vedes o sagrado, vedes feminino, vedes masculino —
tudo isto são vãs ilusões em mentes poluídas.
Em termos absolutos, não há nada de todo que constitua objetos mentais,
só vós a criarem problemas onde não há nenhum, a ver fantasmas diante do vosso crânio por vós mesmos.
A absorver tantas coisas, sois como bichos-da-seda a fazer casulos, a enrolar-vos e a prender-vos a vós próprios.
Não lestes como o Quarto Patriarca perguntou ao Terceiro Patriarca: "Procuro um método de libertação."
O Terceiro Patriarca disse: "Quem te prende?"
Seguidores do Chan, como compreendeis a sua frase "Quem te prende?"
(silêncio)
Agarrar o sentido no anzol; não ir pelo ponto zero da balança.

Não há coisas especiais;
Arbitrariamente formais os vossos apegos.

Comentário

Como culpar os outros? Tu, agora, do nascimento à morte, és apenas isto.
Mil coisas, dez mil coisas, são apenas uma coisa — que distinção especial há?
Tu gostas apenas desta e desgostas daquela, prendes-te a esta e rejeitas aquela;
enquanto tiveres apego, estás agarrado a um lado, adicionando inutilmente cenários de sonho.
Se usas a tua própria natureza para purificar a tua própria natureza, perdes ainda mais a fonte real. Tudo isto é a tua própria confusão e ilusão.
Seguidores do Chan, como compreendeis a sua "Não há coisas especiais"?

(silêncio)
Uma afirmação compreende as dez direções sem levantar coisa alguma.

Usar mente para aplicar mente —
Não é isso um grande erro?

Comentário

Como culpar os outros? Os teus elementos materiais conseguem ouvir o Dharma?
Já que essa massa de carne nua não consegue ouvir o Dharma, então o que é que neste momento usa o Dharma para ouvir o Dharma,
usa a mente para procurar a mente, usa o Chan para procurar o Chan?
Carregando um fardo de Budismo, ainda vens aqui pedir a outro que explique o Budismo — não é um grande erro?
Talvez não consigas dizer, mas não reconheces vergonha?
Vens montado num boi a perguntar a outro onde está o boi — seria melhor não desiludir as pessoas.

A confusão cria tranquilidade e perturbação;
O despertar não tem gostos nem desgostos.

Comentário

Se falas de confusão e falas de despertar, que fim haverá jamais? É apenas isto.
Todos têm esta essência vazia e tranquila; é totalmente clara, e não tem nela nem concentração nem distração.
Não tem nada a ver com opinião ou informação, transcende comum e sagrado,
está para além de emoção e intelecto.
Um único pensamento a confundir o teu estado mental afasta-te desta essência vazia e tranquila,
na qual ficas logo bloqueado por pensamentos dispersos e não consegues manifestá-la.
Quando não ocorre um único pensamento, passado e futuro são cortados e realizas esta essência vazia e tranquila.
Isto é o que significa "o fundamento nouménico do limite da realidade não admite uma única partícula."

Que mais gostos e desgostos pode haver?
Mas se não tens nada a ver com confusão nem com despertar, porque é que te lembras sempre do Sul na primavera,
das cem flores perfumadas onde cantam as perdizes?

Todos os extremos duais
São juízos subjetivos arbitrários.

Comentário

Quem te pôs a correr solto — aqui estás tu a falar do sábio e do homem comum,
a falar de confusão e de despertar, a falar de gostar e de desgostar, a falar de existência e de não-existência,
a falar de concentração e de distração, a falar de mente e a falar de objetos,
a falar de sucesso e a falar de fracasso, a falar de certo e a falar de errado.
Estes são apenas pares relativos; todos eles são extremos duais.
Se usas estes extremos duais para adivinhar juízos aleatórios, é toda uma confusão sem sentido.
Esta visão é tal que perdes contacto no momento em que tentas aplicar-lhe a mente;
quanto mais ao abrires a boca, onde há apenas expressão verbal e nenhum significado real.
Sabes?
Uma tartaruga gigante não está em rio nem em lago:
Que risível que as pessoas de hoje agarrem nas suas canas de pesca.

Sonhos, ilusões, flores no céu —
Por que esforço em agarrá-las?
Comentário
Larga, e não há problema nenhum; porque crias tantas comparações?
Todos os objetos são sonhos, todas as aparências são ilusões, todos os fenómenos são flores no céu, impossíveis de agarrar.
É apenas a tua consciência condicionada a confundir o crânio morto e esqueleto fétido na massa material de carne com o teu próprio corpo,
o que arrasta tanto alvoroço e preocupação, a perseguir as miríades de

objetos diante dos teus olhos o dia inteiro,
apenas a continuar uma série de sonhos repetidos.
Seguidores do Chan, como podeis estar despertos?
(silêncio)
Céu azul, sol brilhante.

Ganho e perda, certo e errado —
Larga tudo de uma vez.

Comentário

Largar onde?
Se te agarras a algo, ele manda-te largá-lo; mas uma vez que sabes que é como sonho, ilusão, flores no céu,
então e depois?
Seguidores do Chan, agora ele quer que largues ganho e perda e certo e errado — isto é apenas gastar energia.
Tens de realizar o despertar uma vez, então já não precisarás de largar nada —
saberás espontaneamente que é um cenário de sonho ilusório.
Em suma, se não houver questão na mente, miríades de coisas são como uma só.
Se a tua mente é laboriosa e inquieta, com certos e errados e ganhos e perdas diante dos olhos,
então como compreendes o princípio da sua frase "larga tudo de uma vez"?
(silêncio)
Deixa apenas a neve derreter
E a primavera virá por si mesma.

Introdução

O olho que mantém o universo firme é contínuo, não permitindo a menor fuga;
destaca-te das visões, transcende os sentimentos, e a pureza da clareza é sem mácula.
Tenta debater e falhas; mal abres a boca falhas.
Pisca os olhos e ergue as sobrancelhas, e nuvens brancas cobrem dez

mil milhas.
Quando chegas aqui, como te voltas e expiras?

Se os olhos não dormem,
Os sonhos desaparecem por si mesmos.

Comentário

Porque falas em sonhos?
Os Budas de todos os tempos falaram de sonhos, as seis gerações de mestres originais falaram de sonhos,
todos os velhos mestres do mundo falaram de sonhos; levantar as sobrancelhas e piscar os olhos,
erguer um malho ou segurar um espanador, tudo é falar de sonhos.
Agora diz-me, quem trouxe isto? É apenas porque todos os seres, desde tempos sem princípio,
mantiveram o grande corpo da realidade deitado através da longa noite do nascimento e da morte,
experimentando renascimentos repetidos nas seis vias da vida.
Por analogia, é como quando as pessoas do mundo adormecem, muito cansadas,
os cinco órgãos dos sentidos movem a sexta consciência, a cognitiva, a imaginar todo o tipo de cenários oníricos.
Essas cenas não existem na realidade — são apenas mudanças da consciência,
mas não podem ser consideradas inexistentes durante o sonho.
Depois, quando acordam, os estados da mente e as cenas desaparecem, caindo no nada vazio.
Por isso se diz: "Nos sonhos, claramente há seis vias de existência; após o despertar, sendo vazio, não há universo."
Deves saber que o despertar é um sonho.
Se os olhos estão abertos e não estás a dormitar, então não haverá cenas de sonho.
Se a mente não é agitada, então não há nascimento e morte —
as rotinas das seis tendências são todas fabricadas pela mente.
O Terceiro Patriarca falou assim, eu falei assim, vós ouvistes assim;
agora dizei-me,

isto é sonho ou vigília?
(gritando) Estejam atentos!

Se a mente não diverge,
Todas as coisas são uma só.

Comentário

Ele disse tudo de uma vez, mas compreendes?
Realizarás diretamente atividade e tranquilidade como uma só, fala e silêncio como um só,
ver e ouvir como um só, confusão e iluminação como um só, sábio e homem comum como um só;
miríades de condições, miríades de objetos, no total, uma só realidade —
já não há coisas fora da mente, nem mente fora das coisas.
Tens de compreender assim antes de te conectares com o ser tal como é.
Pessoas, quando os vossos olhos dormem, há então cenas de sonho; quando a vossa mente se fixa, isso é a existência rotineira.
Se os vossos olhos não dormem, as cenas de sonho desaparecem por si mesmas;
se a vossa mente não diverge, então todas as condições são vazias.
Já que originalmente não há uma única coisa, deixai que flores e salgueiros sejam vermelhos e verdes;
o chilrear das andorinhas e o canto do rouxinol são o sustento dos homens do Caminho.
Ainda assim, parece muito que o sentido da primavera está na paisagem. Ai de nós!

Absorve o mistério como um só;
Imóvel, esquece os objetos.

Comentário

Fecha o saco de pele.
(silêncio)
É tal que mesmo que "as tuas cuecas não tenham assento e as tuas calças não tenham abertura,"

e “na tua cabeça haja três a cinco alqueires de cinza pálida,” ainda assim não o viste nem em sonhos;
mesmo que não distingas leste de oeste nem diferencies norte de sul, os teus olhos como as tuas sobrancelhas e a tua boca como o teu nariz, e tenhas cultivado inocência pura como um infante, ainda assim não sonhaste em vê-lo.
Entendes?
Quando o vento está quieto, ainda assim as flores caem;
Quando um pássaro canta, a montanha parece mais recôndita.

Miríades de coisas observadas igualmente,
Regressa à naturalidade.

Comentário

Com compreensão clara vês que não há uma única coisa;
céu e terra são um dedo, miríades de coisas são um cavalo.
Abraças todo o espaço no teu peito, e ainda assim o teu espelho espiritual é mais que suficiente;
refletes miríades de formas no coração, e ainda assim o teu espírito está sempre vazio.
Sem mexer um único cabelo, manifesta-se tudo de uma vez.
A luz solitária a brilhar sozinha é tranquila por todo o tempo; regressa à origem, volta à fonte,
toma refúgio na raiz para restaurar a vida; quando chegas aqui, então encontras o Caminho espontâneo da realidade natural.
Se o conseguires, és um verdadeiro abandonador do lar.

Elimina as tuas suposições;
Não pode ser comparado.

Comentário

Se abrires a boca de novo, o que é que isso fará? Por isso se diz: uma vez desaparecidas as miríades de formas, aparece a totalidade.
Neste preciso momento, se o comparares a algo, falhas a marca; considerá-lo uma coisa não serve.
Não pode ser categorizado, não pode ser definido, não pode ser combinado; abrange passado e presente.

Como alguém que bebe água sabe por si se é fria ou quente, não pode ser explicado a outros.
Quereis compreender?
Quando uma garça branca está na neve, não são da mesma cor;
As flores brancas dos juncos ao luar claro não se assemelham a ela.

Ainda a atividade e não há atividade;
Ativa a quietude e não há quietude.

Comentário

Este ponto é como uma massa de fogo; aproxima-te e morres. Como compreendes?
Queres entender? Aquietar-se já é atividade. Quando calmo, a calma perfeita é ativa;
assim a atividade não tem sinal de perturbação. Quando ativo, a ação perfeita é calma,
assim a calma não tem sinal de inércia.
O teu movimento presente e atividade, ver e ouvir, os teus feitos e ações, com mil diferenças e miríades de distinções — o que é isto?
Se consegues ver a própria essência sem forma, sem vestígios, isto é ação sem qualquer sinal de agitação.
Mesmo sem forma, sem vestígio, sempre no meio da atividade a sustentar o céu e firmar a terra —
isto é calma sem sinal de inércia.
Falar dessa atividade, a sua forma é como o funcionamento de um boi de ferro.
Falar dessa quietude, manifesta forma em resposta às pessoas.
Não podes compreender isto em termos de atividade e quietude ou fala e silêncio como extremos duais.
É por isso que os Budas desde tempos antigos fechavam as portas, deixavam de falar e não ousavam arfar.
Enquanto arfavas, nuvens brancas cobriam miríades de milhas.

Já que o dois não acontece,
Como pode o um ser assim?

Comentário

Totalmente afastado. "Atividade e quietude são dois" — sem ligação.
"Atividade e quietude são um" — sem ligação.
O mestre de Xiushan disse: "Dois não se decompõe em um; uma realidade permanece para sempre presente."
Se as pessoas entendem uma a uma, ficarão atoladas para sempre.
Deves saber que esta questão não tem elaboração conceptual, não tem lugar para abrires a boca:
limpo e nu, despido e livre, de pé como uma muralha de dez mil pés de altura. Vês?
(silêncio)
Está mesmo aqui nestas montanhas, mas as nuvens são tão densas que o seu paradeiro é desconhecido.

Introdução

Alguém cujo estado é tranquilo é como um carneiro preso pelos cornos, sem deixar rasto.
Alguém que exerce livremente poderes espirituais é como uma árvore morta a florescer.
Se acolhes especialmente a primavera, de súbito é como uma rede lançada sobre o céu;
se montas uma armadilha para derrubar um tigre, verás que se desfaz.
Haverá alguém que consiga atravessar a floresta de espinhos?

Descobre o fim, sonda o último;
Não te prendas a trilhos e modelos.

Comentário

No cimo de um poste de cem pés, como dás um passo em frente?
Quando consegues chegar ao fim, a fala é impotente, a lógica infundada, o corpo morre e a habilidade esgota-se —
o estado mais profundo não mantém prodígio misterioso, não mantém maravilhas, não mantém princípios budistas.

Quando a grande função se manifesta, que trilho ou modelo tem?
Varrer, fazer chá, remendar roupas, vestir e comer conforme as posses, pode retribuir uma dívida que não pode ser paga.
Que Chan há ainda para estudar, que Caminho há ainda para aprender?
Ainda assim, tens de realmente chegar a este estado antes de o perceberes.

A mente em harmonia é equânime;
Toda a fabricação cessa.

Comentário

"Quando a água é abundante, o barco fica alto; quando o barro é abundante, o Buda é grande." Onde está a desigualdade?
Se conseguires atravessar e ver através, e usares a mente para experienciar com equanimidade,
então as ilusões e perversões desde tempos sem princípio pararão espontaneamente e desaparecerão.
Seja falando ou em silêncio, ativo ou quieto, mantém aqui a atenção continuamente, sem interrupção,
constantemente atento e nunca inconsciente, e fabricação e artifício cessarão de repente;
miríades de objetos, miríades de diferenças, serão cortados de uma vez, cada um revertido.
Tudo isto é o poder da tua própria subtil função sem esforço.
Se o conseguires descobrir, não te desiludirá. Caso contrário, gastarás muito esforço mais tarde.

Quando a dúvida é dissipada,
A fé verdadeira encaixa diretamente.

Comentário

Ele atira-te isto diretamente à cara; consegues reconhecer?
Explicou-te tudo de forma totalmente clara — porque não conheces a conclusão?
É apenas porque tens "Chan" no ventre que não consegues estar alegremente vivo;
agora apenas pegas em ditos e casos misteriosos de antigos, enfias no

ventre,
e pensas que isso completa a tua busca de vida.
Ainda não percebes que isto é apenas baba estúpida, ranho e cuspo.
Os antigos chamaram a isto puxar porcaria para dentro, poluir o campo da mente.
Falando em termos de realidade absoluta, não há um ponto de tinta;
se registares até um único traço, serás um espírito-raposa por miríades de éons.
Os perspicazes cospem-no de imediato ao ouvir uma citação, depois lavam a boca,
fazendo diretamente o campo da mente vazio e nu. Naturalmente não duvidarás.
Quando alguém abre a boca, vês de imediato as suas entranhas.
Dizes sempre: "Eu acredito plenamente," mas isso é apenas uma afirmação;
se nunca tiveste um despertar, não é fé verdadeira.
Queres compreender?
Ao cair da tarde sobre o rio, uma cena digna de pintura;
Um pescador de capa de chuva a caminho de casa.

Nada permanece;
Não há nada a recordar.

Comentário

Quando está amontoado em montanhas, empilhado em picos, como pode não ficar?
Sabes qual é o ponto último? Basta esvaziares o peito de perceção e cognição para que a tua mente seja como uma parede ou um tijolo, como um homem morto, cortando totalmente ideias e pensamentos de modo que não reste o mais leve sopro e a raiz da vida seja diretamente cortada.
Então, mesmo estando no meio da atividade o dia inteiro, permaneces espontaneamente num estado sem esforço.
(pausa)
Não é apropriado dizer assim.

Iluminação vazia espontaneamente consciente
Não gasta esforço mental.
Comentário
Retira a tua língua e arranja outra citação.
(silêncio)
Este reino ninguém pode conhecer; não é algo que possas manejar com raciocínios temporários.
Os antigos cessavam e desistiam; as suas bocas eram como abanadores no inverno, os seus corações como árvores secas, cinzas frias. De dez vezes em que iam falar, nove vezes se continham.
Pessoas, isto não é forçado, mas acontece naturalmente.
Onde está o enigma?
A lua brilha sobre o rio, a brisa sopra nos pinheiros;
Através da longa noite, que faz o céu límpido?

O que não está no âmbito do pensamento
A mente consciente não pode sondar.

Comentário

Chegou; diz-me — o que é? Isto chama-se o caso que acontece agora, fala com os pés na terra. Isto é simplesmente elegante, isto é simplesmente maravilhoso.
Não lestes como um monge perguntou a Yunmen: "O que é 'não estar no âmbito do pensamento'?" Yunmen disse: "'A mente consciente não pode sondar.'"
Xuedou disse: "Yunmen talvez não tivesse alcançado este monge se ele não corresse pela encosta abaixo. A pergunta era como uma caixa, a resposta como uma tampa. Quando caixa e tampa se ajustam, o universo mantém-se firme, mas ainda assim não viste o Terceiro Patriarca nem em sonhos."
Diz-me, onde está o ganho e a perda?
Sombras ondulantes a mil pés — dragões e serpentes em movimento.
Sons a sacudir meio céu — vento e chuva, frio.

Introdução

O oculto e o secreto totalmente incluídos, o caso presente;
respondendo a tudo, alto e baixo, é inesgotável nas atividades quotidianas.
É inútil gabar-se da capacidade de curvar rios e varrer sombras; é vão falar de eloquência afiada como espada.
Atar colmo é contra a aspiração de um caminhante; esculpir areia não fala de talhar jade.
Tens de ser uma pessoa transcendente para compreender assuntos transcendentais.
Haverá alguém que consiga penetrar a barreira?

No reino da realidade tal como é
Não há eu nem outro.

Comentário

Mas não passes por cima delas.
O que é isto que te faz falar assim?
Alguns dizem: "Ausência de falsidade chama-se 'verdade', não mudar chama-se 'tal como é.'
A única mente é realidade; diferenciações segundo condições chamam-se reino da realidade.
A imutabilidade da essência desta única verdade como tal é o reino nouménico da realidade.
A diferenciação segundo condições é o reino fenoménico da realidade.
Noumeno inseparado do fenómeno é o reino da realidade sem obstrução entre noumeno e fenómeno.
A comunhão de cada coisa com o reino da realidade até ao infinito é o reino da realidade sem obstrução entre fenómenos."
Se acrescentas interpretações assim na esperança de veres o Terceiro Patriarca, nunca terás oportunidade.

Um antigo disse: "Os verdes, verdes bambus são todos verdadeiramente assim" — e quanto a isso?
Não lestes como Yanguan perguntou a um conferencista: "Sobre que escritura fazes a conferência?"
O conferencista disse: "A Escritura do Ornamento Floral."

Yanguan disse: “Quantos reinos da realidade tem o Ornamento Floral?”
O conferencista disse: “Em suma são quatro tipos; mais plenamente explicados, são múltiplos de múltiplos até ao infinito.”
Yanguan ergueu o seu espanador e disse: “Que tipo é este?”
O conferencista ficou perdido.
Yanguan disse: “Conhecer pelo pensar e entender pela reflexão é como uma lâmpada solitária debaixo do sol; afinal perde o brilho.”

Quereis saber?
Um lugar que não pode ser alcançado —
Uma tigela cheia de atenção vazia.

Se queres acordar rapidamente,
Fala apenas de não-dualidade.

Comentário

Ainda a queixar-se de falta? Mal cai nos lábios, é o portão da morte, sem mais estrada de vida.
É simplesmente que esta afirmação nem mil sábios conseguem sequer começar a proferir;
mesmo que tentassem com todas as suas mentes, não poderiam exprimi-la, não poderiam dizê-la.
Não lestes como Manjusri perguntou a Vimalakirti: “Qual é o ensinamento da não-dualidade?”
Que lhe respondeu Vimalakirti?
Tudo o que pôde fazer foi olhar boquiaberto, imóvel; sem usar um ponto dos princípios subtis infinitos dos ensinamentos infinitos, esclareceu tudo de uma só vez.
Ainda assim, também precisas de saber que há alguém que se ri alto.
Se reconheceres essa pessoa, garanto-te que não andarás a juntar dinheiro para calçado.

Notas

Xuedou escreveu: “No um há muitos tipos, no dois não há dualidade.”
“Não andarás a juntar dinheiro para calçado” significa que não precisarás de ir a lado nenhum para te encontrares a ti mesmo.

A não-dualidade é a mesma para todos;
Nada fica de fora.

Comentário

Aqui engolido de um só trago, sem deixar escapar nada.
Mesmo virtudes subtis incontáveis como as areias do rio Ganges estão todas guardadas aí;
cem mil luzes do Caminho erguem-se daqui.
Tudo é igual, os caminhos de todos os Budas são equivalentes,
entrando no ensinamento da não-dualidade:
o sagrado e o profano são o mesmo corpo, contendo o espaço,
incluindo miríades de formas.
Está mesmo onde estás agora; sem mover um único cabelo, manifesta-se tudo de uma só vez.
Mas mesmo que o aceites assim, isso já é falhar a vantagem.
Onde está o erro?
Onde o poder de Yu não chega,
O som do rio segue o fluxo.

Notas

Yu foi um antigo rei-sábio chinês, famoso por ter sido nomeado rei devido ao seu serviço público na organização de obras hidráulicas para controlar as cheias do Rio Amarelo. Neste contexto do Chan, controlar cheias refere-se à prática de cessar o pensamento para revelar a consciência imediata da totalidade. Isto chama-se esquecer o eu. "Onde o poder de Yu não chega" refere-se ao ressurgimento do indivíduo e à restauração da consciência particularizante; o som da água a seguir o fluxo representa adaptabilidade fluida às situações da vida possibilitada pela experiência libertadora de fusão com a totalidade.

Os sábios das dez direções
Entram todos nesta fonte.

Comentário

Os monges de manto remendado por toda a terra não conseguem saltar fora; até os Budas de todos os tempos entram nesta fonte.

As seis gerações de patriarcas também entraram nesta fonte, e os velhos mestres por toda a parte entram todos nesta fonte, manifestam grandes poderes espirituais e realizam grande trabalho de Buda.
Podem usar a vara ou gritar, dançar, rolar uma bola, erguer um espanador, levantar um punho, arrastar rochas e transportar terra; cada palavra, cada afirmação, cada ato, cada estado, tudo vem desta fonte.
Mesmo em cada saída e cada entrada, a resposta às mudanças é inesgotável.

A fonte não está nem perto nem longe;
Um momento, dez mil anos.

Comentário

A luz espiritual a brilhar dez mil milhas penetra alturas e profundidades: perto, é num instante de pensamento; longe,
não são meros dez mil anos — é mesmo anterior ao éon vazio, e ainda assim não está aparte das atividades quotidianas presentes.
Se conseguires observar essa eternidade como sendo como hoje, passado e presente serão penetrados,
início e fim iguais, condições internas e externas esquecidas, os três tempos apagados, uma só peça de seda branca,
um momento dez mil anos.
Mas isto é apenas uma cabeça de martelo de ferro sem buraco, uniformidade extrema;
precisas de saber que sobre os mil picos para lá das nuvens há também um pinheiro espiritual à parte, frio de orvalho.

Não há lugar onde não esteja,
As dez direções diante dos olhos.

Comentário

Acalmando o espírito, ele embrulha tudo de uma vez.
Mesmo para a mente que permeia as dez direções não há coisa diante dos olhos;
quando não está presente em lado nenhum, a intenção está diante dos

olhos.
Se cortares tudo de uma vez, já não há longe nem perto, presença nem ausência.
Tomar ou largar, deixar ou parar, não depende de outro — é apenas o teu próprio ser que originalmente possui tal poder espiritual e adaptabilidade.
Se o conseguires comprovar tu mesmo, suportar tu mesmo, carregar tu mesmo, fazer dele o teu próprio sustento,
de modo a não poderes ser preso nem chamado de volta, então poderás alcançar grande liberdade como um peixe dourado que saiu da rede.
Mas "se não é o potencial presente nem o fenómeno presente", então o quê?
(a assembleia hesitou, tentando discutir; o mestre disse) Depressa, façam três prostrações.

Introdução

Quando ages no meio dos diferentes tipos, só então compreendes o ensinamento do inanimado.
Quando a raiz da vida é cortada, naturalmente não estás suscetível de ser enganado por outros.
Se queres abrir o portão do éon vazio, precisas de remover uma fechadura que não tem chave.
"Não aparece ao amanhecer, mas é perfeitamente claro à meia-noite."
Se por acaso rompes uma pintura de um bolo, então verás tal confusão.
Haverá alguém que consiga lavá-la?

O mais pequeno é o mesmo que o grande;
Esqueces os limites dos objetos.

Comentário

Extraordinariamente extraordinário! O bastão é pequeno ou grande?
Ergue-o, e está em todo o lado; não é isto o mais pequeno a ser o mesmo que o grande?
Na ponta de um único cabelo céu e terra aparecem de uma só vez — não é isto o mais pequeno a ser o mesmo que o grande?

Sentado dentro de uma partícula atómica a fazer girar a grande roda do Dharma, com os domínios preciosos sobre oceanos sem limites de água perfumada manifestos claramente mesmo numa única ponta de cabelo, numa única partícula — não é isto o mais pequeno a ser o mesmo que o grande?
Erguer casualmente um dedo a bloquear o céu, sem limites — não é isto o mais pequeno a ser o mesmo que o grande?
Então como explicas o princípio de esquecer os limites dos objectos?
(silêncio)
Nem mesmo o fundador do Chan compreendeu. É muito difícil, muito difícil!

O maior é o mesmo que o pequeno;
Não vês para lá das fronteiras.

Comentário

A grande questão única que a terra inteira não pode sustentar e o céu não pode conter, nos olhos chama-se ver, nos ouvidos chama-se ouvir — não é isto o maior a ser o mesmo que o pequeno? A faculdade visual permeia o universo, a faculdade auditiva permeia o universo — o que está fora das fronteiras?
Na realidade, o mundo inteiro é apenas um fogão; o mundo inteiro é apenas um bastão. Está mesmo nas tuas sobrancelhas e pestanas — não é isto o maior a ser o mesmo que o pequeno?
Outro antigo disse-te: "A grande terra inteira, quando a ergues, tem o tamanho de um grão de arroz; atira-a diante de ti, e há escuridão absoluta sem compreensão." Ainda assim é tudo-pervasivo assim; entendes?
Do outro lado da ponte, o vinho da aldeia é delicioso;
Na margem oposta, as flores silvestres são fragrantes.

A existência em si é inexistência,
A inexistência em si é existência.

Comentário

Convoca com uma batida; não penses mais em antes nem reflictas em depois.
Os convencionais explicam de imediato: "A natureza verbalizada é vazia — existência e inexistência não podem ser apreendidas."
Também dizem: "Existência e inexistência são apenas termos; ambos são conceptualizações. Assim é com o que quer que digamos — como poderia haver exceção?"
Também dizem: "De onde vêm existência e inexistência?" Apenas reconhecem som e forma verbais.
Se entendes assim, irás para o inferno como uma flecha.
É como o caso de um monge perguntar a Zhaozhou: "Até um cão tem natureza de Buda, ou não?" Zhaozhou disse: "Sim." O monge disse: "Se tem, porque está preso nesta pele?" Zhaozhou disse: "Porque sabe mas ofende deliberadamente." Outro monge perguntou a Zhaozhou: "Até um cão tem natureza de Buda, ou não?" Zhaozhou disse: "Não." O monge disse: "Todos os seres vivos têm natureza de Buda — porque é que um cão não tem?" Zhaozhou disse: "Porque ainda tem consciência carregada de hábitos."
Agora todos vós dizeis que as segundas partes são conversa de encobrimento, e que o crucial está no sim e no não.
Ai! Destruidores do Budismo! Que ligação há?
Quereis ver o Terceiro Patriarca e Zhaozhou?
Pondo de lado os clássicos de poesia e história, regresso ao velho templo;
Com flores a cair e pássaros a cantar, é totalmente primavera.

Se não for assim,
Não o retenhas.

Comentário

Ainda um pouco fora, mas concedo-te que tens um olho.
Assim, assim, o verdadeiro humano sem estatuto está sempre aí a sair e entrar nos teus sentidos, sem dia nem noite, sem agitação nem estagnação, avançando de momento a momento, manifestando-se de momento a momento, adaptando-se de momento a momento, mantido de momento a momento; existência e inexistência são naturalmente penetradas.
Se és como um cão raivoso a perseguir um torrão de terra, concebendo a compreensão literalmente, então derrubas a tua casa, demolindo a tua habitação, e cais no presente, incapaz de te ligares ao anfitrião.
Como não hás de cair no presente?
(silêncio)
A forma da lua vê-se no silêncio;
O som dos pinheiros ouve-se na noite límpida.

Um é tudo,
Tudo é um.

Comentário

A língua não tem osso e pode falar livremente, mas trazer à baila a natureza e a vida de todos no mundo inteiro leva apenas uma afirmação.
Alguns dizem: "O um é uma mente, o todo são miríades de coisas. As miríades de coisas são apenas uma mente, uma mente compreende miríades de coisas."
Felizmente não há ligação. Deste modo, podes dar palestras e ser professor, mas na escola dos monges de manto remendado, mesmo que estudes mais mil milhões de anos, ainda assim não serás aprovado.
Mas qual é o negócio da escola dos monges de manto remendado?
Pisar a trave da balança, é dura como ferro.

Se podes apenas ser assim,
Que ruminação não cessará?

Comentário

Ainda falta um passo. Qual é o último?
Seguidores do Chan dizem frequentemente: "Um é tudo, tudo é um; as coisas são mente, a mente são coisas. Compreende assim, e as tarefas do estudo estarão completas." Mas não compreendas mal — aquele patriarca era um homem totalmente despreocupado — que utilidade teria carregar tantas complicações nas entranhas?
Como compreendes a sua frase, "Se podes apenas ser assim, que ruminação não cessará"?
(silêncio)
Quando três pessoas testemunham que é uma tartaruga, isso torna-a um cágado.

A Fé na Mente é não-dualista;
A não-dualidade é Fé na Mente.

Comentário

Ele embaraça as pessoas até à morte.
Que bem e mal reconheces?
O que requer balbuciar diante do teu crânio?
Não é que confiança e mente não têm dualidade? Não fales às avessas.
Assim, assim, cada ramo de coral sustenta a lua.
Ver até ao fim reduz-se apenas a isto: "A Fé na Mente é não-dualista; a não-dualidade é Fé na Mente." Ele conseguiu embrulhar o universo e manter o mundo firme.
Ainda assim, se não encontrares água corrente, deves passar a outra montanha.

O caminho da linguagem termina;
Não é passado, futuro, ou presente.

Comentário

(o mestre suspirou e disse) O arco do Terceiro Patriarca está partido, as suas flechas gastas.
Embora o seu resumo final admita derrota, não é como se fosse pouca coisa.

Se o conseguires descobrir, as palavras compreendem o estado das montanhas e nuvens, oceano e lua; se não o conseguires, como antes não entendes e ele voa embora.

Alguns afirmam: "'O caminho da linguagem termina; não é passado, futuro ou presente' não é senão 'O supremo Caminho não tem dificuldade, apenas desgosta da escolha e da rejeição,' e 'O supremo Caminho não tem dificuldade, apenas desgosta da escolha e da rejeição' não é senão 'O caminho da linguagem termina; não é passado, futuro ou presente.' O início é a última palavra, o fim é a afirmação inicial."

Se interpretas assim, ainda estás numa caverna de fantasmas.
Pessoas, isto deveria ser o ensino ilimitado e os significados subtis infinitos dos Budas de todos os tempos, dos seis patriarcas, e dos velhos mestres por toda a terra; agora, sem conseguir conter-me, basta-me uma afirmação para explicar tudo claramente:

Pára, pára — como podes falar levianamente de passado e presente, provocando deliberadamente tristeza?
As pessoas antigas inclinavam-se a manter as bocas fechadas e os olhos abertos.
Empurrei-vos para leste e tracei uma linha a oeste, forçando a criação de distinções. Diz-me, como se compara isto às pessoas antigas?

Ainda assim, quero que saibam o que é.

Não só o arco do Terceiro Patriarca está partido e as flechas gastas; também a minha lança está partida, a minha força esgotada, a minha casa em ruínas e o povo ido.

Em última análise, como é?

Peço-vos, cada um de vós volte e descanse; não espereis que a chuva vos encharque a cabeça.